Sobrevivi ao gulag chinês

Sobrevivi ao gulag chinês

Gulbahar Haitiwaji
Rozenn Morgat

Tradução de
Juçara Valentino

MOINHOS

Para todos aqueles que não puderam escapar.
Para Fanny, Gaétane e Lucile, mulheres livres.

"Graças à formação profissional,[1] os alunos puderam refletir sobre seus erros e compreender a essência e os malefícios do terrorismo e do extremismo. Melhoraram sua consciência nacional, sua consciência civil, sua consciência do Estado de direito e aderiram à comunidade da nação chinesa. Eles distinguem melhor o bem do mal e agora resistem ao pensamento extremista. […] Eles têm confiança no futuro."[2]

"Ninguém pode impedir Xinjiang de avançar em direção à estabilidade, ao desenvolvimento e à prosperidade."[3]

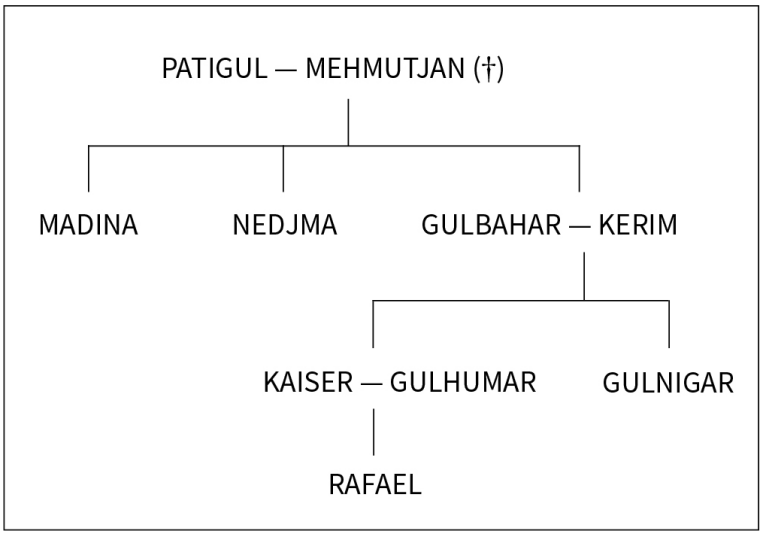
---

1 Campos de reeducação chineses em Xinjiang.

2 Trecho de uma entrevista de Shohrat Zakir, presidente da região autônoma de Xinjiang e chefe adjunto do Partido Comunista Chinês em Xinjiang, à agência de imprensa de Xinhua, em 16 de outubro de 2018.

3 Shohrat Zakir, presidente da região autônoma de Xinjiang, em uma coletiva de imprensa sobre Xinjiang, promovida pelo Gabinete de Informação do Conselho de Estado em Pequim, em 9 de dezembro de 2019.

Mapa da Região Autônoma Uigur de Xinjiang



Árvore genealógica da família de Gulbahar

Prefácio

Gulbahar sobreviveu à deportação. Ela aguentou centenas de horas de interrogatório, tortura, desnutrição, violência policial, lavagem cerebral. Com base em uma foto de sua filha em uma manifestação da diáspora uigur, em Paris, a China a condenou a sete anos em um campo de reeducação ao fim de um julgamento que durou nove minutos e que se deu depois de um ano de prisão, sem a presença de um juiz ou de um advogado. Sozinha na cadeira dos acusados, diante de três policiais. Depois de acreditar por muito tempo que seria executada, a certeza de que morreria em um gulag de Xinjiang então a invadiu. Ninguém, nem a França, onde vivia em exílio há dez anos, nem suas filhas e seu marido, Gulhumar, Gulnigar e Kerim, todos três refugiados políticos no país, poderiam vir em seu auxílio. Ela pensou que a armadilha para a qual a China a havia atraído se fechava para sempre sobre ela.

Em seu coração, Gulbahar vivia dividida: deveria testemunhar abertamente ou permanecer em anonimato para proteger a família? Durante nossas conversas em seu apartamento em Boulogne, cautelosa, parecia resignada a esconder sua verdadeira identidade.

Gulbahar nasceu em uma família de uigures que vive há muitas gerações em Xinjiang. Assim como ela, seus ancestrais

cresceram nessa terra de deserto e oásis rica em petróleo, atravessada durante séculos por profundas disputas geopolíticas que a fizeram vivenciar – fora alguns breves episódios de independência – longos períodos de anexação à China. A chegada dos comunistas conduziu a incorporação de Xinjiang[4] à República Popular da China em 1955, com o nome de "Região Autônoma de Xinjiang", que significa "nova fronteira" em mandarim. Desde então, esse gigantesco território (três vezes a superfície da França) foi submetido à colonização dos hans, etnia majoritária do país. À medida que se desenvolviam as refinarias, as cidades se expandiam no ritmo das retroescavadeiras chinesas; o vermelho do comunismo as invadiu com a força de lanternas, bandeirolas e bandeiras, e os uigures começaram a sofrer, de pequenas invasões a grandes discriminações, as premissas do que hoje não é senão um genocídio. Em um dia de maio de 2006, cansadas de ver suas perspectivas futuras minguarem, Gulbahar e sua família se mudaram para a França.

Como os uigures praticam um islamismo sunita, como sua cultura tem raízes turcas e não chinesas e como a China os absorveu tardiamente, a franja separatista (minoritária) do grupo étnico reivindica sua independência sob a bandeira azul-celeste do Turquestão Oriental. Em 2009, as revoltas de Ürümqi, nas quais várias centenas de hans e de uigures pereceram, precipitaram a região em uma repressão de violência inédita. Seus líderes a equiparam com um impressionante arsenal de vigilância e controle: exércitos de câmeras que usavam reconhecimento facial, dispositivos policiais em todos os cantos da rua e, a partir de 2017, campos de reeducação. Ao mesmo tempo, a região se tornou o lugar mais vigiado do mundo e uma das

4 Xinjiang também é chamado de Turquestão Oriental pelos uigures separatistas.

peças-chave das "novas rotas da seda" de Xi Jinping. Porta de entrada para a Ásia Central, Xinjiang divide suas fronteiras com oito países e tornou-se um bloqueio estratégico para o projeto titânico de infraestruturas destinadas a religar a China à Europa. Isso é tudo menos uma coincidência. Atualmente, a Anistia Internacional e o Human Rights Watch estimam que mais de um milhão de uigures estão ou estiveram nesses campos. A China insiste em chamá-los de "escolas" onde os professores pretendem "erradicar o terrorismo islamista" das mentes dos uigures.

Gulbahar nunca teve nenhum interesse pela política do seu país. Ela diz isso sem desprezo, com uma ponta de orgulho: quando evoca sua religião, fala de um islã "de paz", de um islã "moderado". Não se considera nem independentista nem uma "terrorista islamista". Entretanto, também foi enviada para os campos. Está aí toda hipocrisia e perversidade do sistema concentracionário chinês, que não procura punir a minoria extremista uigur, mas extinguir a etnia inteira, inclusive os membros exilados no exterior, como Gulbahar.

Em uma manhã de novembro de 2016, Gulbahar recebeu uma misteriosa ligação proveniente de Xinjiang. Um funcionário de seu antigo emprego pediu que ela voltasse. "Para formalidades administrativas", "documentos para sua aposentadoria antecipada", explicou ele. Gulbahar não suspeitou, não o suficiente. Alguns dias mais tarde, ela aterrissou em Ürümqi e seu calvário começou: as autoridades confiscaram seu passaporte, a jogaram em uma casa de detenção e então, depois de passar meses em uma cela sem ter sido julgada, a deportaram para um campo.

Lá, nos campos, a reeducação é sistemática na medida em que se esforça para destruir todas as suas vítimas com o mesmo método. Começa por desapropriar cada um de sua singularidade.

Toma seu nome, suas roupas, seus cabelos. Dessa forma, nada mais distingue você dos outros. Depois, ela se apropria do seu corpo, submetendo-o a um ritmo infernal: onze horas por dia em salas de aula sem janelas, onde professores obrigam você a repetir incansavelmente a glória do Partido Comunista. Se você parar, você é punido. Então você continua a repetir até não sentir mais nada, até não pensar em mais nada. Você perde a noção do tempo. Primeiro das horas, depois dos dias.

Na sala de Boulogne, rodeada pela filha e por mim mesma, Gulbahar revivia esses momentos de vazio. Ela se concentrava, com as sobrancelhas levemente contraídas, a feição grave. O que sentiu quando os guardas a acorrentaram à cama por vinte dias? "Nada", ela me respondeu com o ar inquieto de uma pessoa que avalia a estranheza de sua resposta. Quando a fizeram entrar em um caminhão em uma noite congelante de dezembro, sem dizer para onde estava sendo levada, Gulbahar pensou que seria fuzilada no meio do deserto coberto de neve. E então, o que ela sentiu? Também não senti nada. "Naquele instante, já estava morta por dentro." E quando anunciaram que seria libertada? "Permaneci de costas para o guarda, em meu catre."

À medida que era "reeducada", suas emoções humanas iam embora. A intimidade de nossas conversas a ajudavam a reencontrá-las. Sob o olhar emocionado da filha, principal atriz de sua libertação, tradutora de nossas trocas, Gulbahar revivia cada cena de seu drama. Fazia a voz grossa e grave do chefe dos policiais ou a voz inquisidora do falso juiz que a condenou. Quando faltavam as palavras, levantava-se do sofá para imitar o andar atravancado pelas correntes presas aos tornozelos ou o andar rígido dos desfiles militares. Andava com um passo marcial pela sala, muito reta, com os braços ao longo do corpo. Girava em nossa direção e soltava uma gargalhada contagiante. "É ridículo, não?" Nós ríamos. Ao rir de si mesma e daqueles com

quem se encontrou, era toda a loucura do sistema dos campos que ela colocava em evidência.

Quando me contou sobre as confissões que fez por imposição da polícia, Gulbahar foi tomada por uma crise de riso incontrolável. Sim, muitas vezes o escárnio e o riso que o acompanha a livravam do trauma.

Mas não se recupera assim tão fácil da reeducação. Além das sequelas físicas irremediáveis, Gulbahar é uma mulher assombrada. Assombrada pela ideia de que a China, mesmo após libertá-la, depois de duras negociações com o Quai d'Orsay, viria bater na porta de sua mãe, de suas irmãs, de seus irmãos e de seus amigos que ficaram em Xinjiang. Ao denunciar em alto e bom som as premissas do Partido Comunista Chinês, a violência policial cairia como um raio sobre aqueles que ela ama. Como ela, seriam interrogados, presos, torturados, deportados. Como ela, seriam tratados como "criminosos" e "terroristas". Como ela, apodreceriam nos campos, perderiam a dignidade humana e, com ela, as memórias felizes, ou a memória, simplesmente, e então, pouco a pouco, o desejo de viver. Não, ela não queria isso. Tudo menos isso.

Em uma manhã de setembro de 2020, sentada no sofá branco de seu apartamento em Boulogne, Gulbahar mergulhou nas primeiras páginas do livro. Era pouco mais de um ano após sua libertação, sua chegada ao aeroporto de Roissy, seu reencontro emocionado com Kerim, Gulhumar e Gulnigar. Durante a leitura, aquela velha ideia (de mostrar sua verdadeira identidade no livro) voltou. "Ela ainda não disse, mas está pensando sobre isso", me escreveu sua filha. Alguns dias mais tarde, Gulbahar fez sua escolha. "É a minha história e quero assumi-la até o fim. É meu dever de uigur", ela disse. Queria seu nome verdadeiro na capa. O risco que ela assume é imenso. Ninguém pode começar a leitura de seu testemunho sem ter consciência disso.

Enquanto a China, longe de refrear sua empreitada concentracionária em Xinjiang, continua a deportar uigures para campos, enquanto esteriliza as mulheres da etnia – e nem a ONU nem nenhuma delegação internacional puderam constatar a amplitude desse genocídio –, Gulbahar, primeira sobrevivente libertada pela França, fala em seu próprio nome neste livro. Que ela e sua filha Gulhumar sejam aqui agradecidas.

ROZENN MORGAT

Capítulo 1

Paris, 28 de agosto de 2016

Naquela noite, no calor sufocante do fim do mês de agosto, a festa foi magnífica. Sob os projetores, as conversas animadas chegavam ao auge. Os risos e o tilintar da louça se misturavam, formando uma sinfonia desordenada sobreposta à melodia dos alaúdes. Em torno dos caminhos de mesa malva invadidos por buquês de rosas e de hortênsias, os convidados se apertavam diante de saladas de macarrão multicolorido, de tajines fumegantes e de cestas de samosas, uma espécie de pastel de carne moída e cebola.

Os casamentos uigures têm isso de particular: não se para de dançar nem de comer. Nada deve faltar. Durante a noite inteira, a música envolve as conversas. A gente se levanta da mesa para soltar o corpo, depois volta a se sentar para devorar um *polo*[5] ou tomar uma xícara de chá. Minha comida nunca agradou tanto os convidados. Estavam todos tão elegantes, vestidos com ternos escuros e vestidos brilhantes. Na China, os hans dizem que as mulheres mais bonitas do mundo são as

5 Prato típico uigur composto de cordeiro cozido no óleo e depois misturado com arroz, pedaços de cenoura e de cebola.

uigures. Enquanto riam, naquela noite, seus dentes brilhavam na penumbra, abaixo das protuberantes maçãs do rosto; suas pálpebras fendidas, marcadas por um traço de delineador, se esticavam. Uma delas brilhava mais que as outras: Gulhumar, a noiva, minha filha. Era preciso vê-la, bem acinturada em seu vestido branco de cetim e tule. Uma fileira de finas pérolas em sua cintura acentuava as curvas harmoniosas. A massa de cabelos negros presos acima da nuca deixava ver os ombros redondos e retos; um suntuoso corpete envolvia o decote e as costas. Ah, este vestido deu pano pra manga! Ainda consigo me lembrar da cara fechada de Gulhumar no espelho do provador, os punhos sobre os quadris. Babados e lantejoulas nunca foram sua praia.

Quando criança, sonhava em ser um menino. Era seu drama, sua ideia fixa, sua quimera. Esforçava-se para copiar todas as atividades que pudessem aproximá-la deles. Nada era capaz de fazê-la parar. Nem vestidos, nem sapatinhos de couro ou fitas nos cabelos.

A recepção foi um verdadeiro sucesso. Muito tempo depois, os convidados ainda diziam que o casamento de Gulhumar havia sido maravilhoso. Na Holanda, na Noruega, na Suécia… em todos os lugares em que os uigures exilados no continente encontraram refúgio, falava-se da beleza da noiva. A Kerim, meu marido, e a mim, o calor dos elogios quase fez esquecer daqueles que estavam ausentes na cerimônia: nossos familiares que ficaram em Xinjiang.

Xinjiang é o ponto de partida desta história, a história da nossa família, os Haitiwaji, mas também da minha história. Eu me chamo Gulbahar. Nasci em Ghulja, em Xinjiang, em 24 de dezembro de 1966.

Antes de a França nos acolher, vivíamos naquela terra de abundância da qual hoje não resta quase nada. Lá, nosso povo

sofre há décadas a repressão intransigente da China. Nós uigures somos perseguidos, presos, reeducados.

Mas comecemos pelo início: Xinjiang se encontra a milhares de quilômetros da França, nos confins da Ásia Central. Kerim e eu crescemos naquele paraíso três vezes maior que a França, coberto por montanhas e oásis. Esta joia está localizada no extremo oeste da China, cercada por oito países: Mongólia, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Afeganistão, Paquistão e Índia. Ela possui citrinos, ouro e diamantes, mas também outras riquezas subterrâneas: gás, urânio e, sobretudo, petróleo. Eu digo "nosso país", mas o termo não é muito preciso. A terra, recortada a oeste por repúblicas independentes, conheceu apenas breves episódios de liberdade nacional, intercalados por longos períodos de anexação à China: durante o Império, depois com a chegada dos comunistas, em 1949, os quais a batizaram de "Xinjiang", que em mandarim significa "nova fronteira"[6]. As rebeliões dos separatistas que sonhavam com uma República Independente do Turquestão Oriental de nada adiantaram, os comunistas derramaram concreto em nossas estradas pedregosas e abriram o ventre da terra para extrair o petróleo e o gás adormecidos lá dentro.

Desde então, nós, uigures, somos a pedra no sapato do Império do Meio. Xinjiang é um corredor estratégico muito rico para que a China se dê ao luxo de perdê-lo. Ela investiu muito dinheiro nas "novas rotas da seda"[7], um grande projeto políti-

6 Xinjiang foi definitivamente incorporada à República Popular da China com o nome de "Região Autônoma de Xinjiang" em 1955.

7 Lançadas por Xi Jinping, em 2013, as "novas rotas da seda", também conhecidas pelo acrônimo em inglês "BRI" (Belt and Road Initiative), deram início à construção de uma vasta rede de estradas e infraestruturas entre a China e os seus mercados tradicionais na Ásia, na Europa e na África.

co-econômico para ligar a China à Europa, passando pela Ásia Central, do qual nossa região é um eixo crucial. Sem ela, a ponta de lança da política do presidente Xi Jinping não poderia ver a luz do dia. Xi Jinping precisa de Xinjiang. De um Xinjiang pacífico e propício ao comércio, limpo de populações separatistas e de tensões comunitárias… Em suma, ele quer Xinjiang sem os uigures.

Nas escolas dos quatro cantos do país, os alunos recitam que as cinquenta e seis etnias nacionais – das quais os uigures fazem parte – são a pedra angular da influência cultural da China no mundo. Em nossas carteiras de identidade está escrito que somos cidadãos da República Popular da China, mas em nossos corações ainda somos uigures. Homens e mulheres oram a Deus em mesquitas e não em templos budistas. Os muçulmanos mais religiosos usam barba e suas esposas se cobrem com um véu. Nos lares, nas escolas e nas ruas de Xinjiang, ouve-se ressoar as entonações ásperas e roucas da língua uigur, um dialeto derivado do turco, e não do mandarim. O alimento de base não é o arroz, como entre os hans do leste, mas os *naans*, pães redondos e achatados encontrados na Ásia Central. No entanto, mais do que nunca, no contexto atual, nossas diferenças culturais incomodam e os episódios de revoltas passadas inquietam. É por isso que fugimos para a França em 2006. Foi pouco antes de Xinjiang cair em uma repressão sem precedentes.

Quando chegamos, poucas pessoas conheciam Xinjiang. Menos ainda o conflito étnico e cultural que o ainda atravessa. Quando contávamos sobre as discriminações, sobre as prisões, sobre a impossibilidade de construir um futuro pacífico em nossa terra, as pessoas franziam as sobrancelhas. Em geral, nossas explicações despertavam a indiferença ou, na melhor das hipóteses, uma curiosidade polida. "É o mesmo que acon-

tece com os tibetanos?", escutávamos com frequência. Um pouco, sim, é verdade. Para os ocidentais, a repressão a que éramos submetidos tinha algo de exótico. Era a versão chinesa de Davi contra Golias. Mas, nesta versão, Davi ainda não derrotou Golias. Ele vem lutando por gerações, sem sucesso. Para falar a verdade, não saberia identificar o momento em que começaram os primeiros conflitos. Eles já estavam lá, à espreita, nas sombras, enquanto eu crescia em meu vilarejo do Norte. Será que sempre existiram?

No entanto, para Kerim e para mim, tudo começou muito bem. Houve um tempo, não muito distante, em que os problemas políticos de Xinjiang mal chegavam até nós. Ouvíamos os rumores, mas estávamos muito ocupados construindo nossas vidas com entusiasmo. Foi nos anos 1990. Xinjiang atraía todos aqueles que, da China ou de outros lugares, queriam fazer fortuna. Sua capital, Ürümqi, estava repleta de estudantes de engenharia recém-formados, de famílias hans emigradas do leste, de trabalhadores cazaques que vinham explorar terrenos na região. No centro da cidade, torres de escritórios e shoppings surgiam e ultrapassavam as mesquitas. Empresas de extração de petróleo contratavam tanto uigures quanto hans. O Grande Bazar acolhia uma população bastante diversa. Mulheres com véus esbarravam em outras de jeans e moletons de capuz. Mães com seus filhos presos às costas na garupa de pequenos scooters agarradas a pais barbudos com as cabeças cobertas com *doppas*, a tradicional boina adornada com bordados uigures. Em meio ao show de buzinas, vendedores agachados na beira da calçada ofereciam um monte de objetos eletrônicos, brinquedos de plástico e bijuterias que os chineses do leste adoram, enquanto no comerciante ao lado era possível encontrar, empilhados em grandes caixas de plástico, utensílios de cozinha de madeira, henna ou *naans*.

Kerim e eu nos encontramos lá, nos bancos da Universidade do Petróleo. Ürümqi possui um charme particular pois tem pessoas de diversas origens, culturas e tradições. Os hans representam quase metade da população. A outra metade se divide em uma miríade de etnias minoritárias: uigures[8], quirguizes, cazaques, tadjiques, mongóis… Kerim vinha de Altay, uma cidade do extremo norte incrustada nos pés dos picos que desenham a fronteira com o Cazaquistão, a Rússia e a Mongólia. À pele acobreada desses habitantes está associada uma reputação de montanheses rudes que se expressam em um dialeto derivado do cazaque, e não do turco, como a língua uigur tradicional. Não compreendi imediatamente o charme um tanto bruto daquele moço atarracado. Eu vinha de Ghulja, uma pequena cidade também do Norte. Para chegar lá, saindo de Altay, era preciso enfrentar, de carro ou ônibus na época, várias centenas de quilômetros de extensão desértica. Um mundo nos separava.

Em Ghulja, lembro-me da nossa vizinha. Uma mulher pequena e encorpada que vivia com seu marido também pequeno e encorpado. Não sabia por que eles moravam lá, a única coisa que sabíamos sobre eles era que eram hans. No entanto, a pequena mulher vestia roupas tradicionais uigures. Ela cozinhava samosas recheadas com carne de carneiro e espetinhos de cordeiro, que perfumavam nossa pequena rua. Han ou uigur, naquela época, nada disso importava. Pelo menos entre nós. Tínhamos uma excelente relação com essa vizinha, tanto que ela e o marido dividiam nossas refeições para o Eid. Ela apreciava nossa cultura como se também fosse dela.

8 Maioria na chegada dos hans nos anos 1950, os uigures são hoje estimados em 11,5 milhões.

Depois foi em Karamay, a outra cidade grande do Norte, que nos estabelecemos. Aquela cujo nome em uigur significa "óleo negro" é uma cidade de concreto construída a toda velocidade para acomodar as centenas de famílias de operários que vieram trabalhar nas minas de petróleo adjacentes. Diziam que Karamay era um "Eldorado".

Ali, a Companhia de Petróleo local nos ofereceu emprego de engenheiros assim que saímos da faculdade. Foi uma sorte. Na época, Karamay fascinava, pois fazia parte daquelas novas cidades de Xinjiang onde não faltavam trabalho. Quando chegamos, em 1988, só havia uma sucessão de avenidas retas e vazias, sem comércios, restaurantes ou mercado. Nesse tabuleiro de xadrez construído no modelo das cidades americanas, não havia nada além de canteiros de obras que floresciam em cada quarteirão, com a barulheira de britadeiras, guindastes e retroescavadeiras. Acordávamos e dormíamos numa verdadeira cacofonia. A cidade guinchava, rangia, roncava constantemente. Torres brotavam do chão em semanas para acomodar novas famílias de trabalhadores que vinham dos quatro cantos de Xinjiang. À medida que Karamay se enchia, os operários raspavam novamente o solo para cavar o leito de um rio artificial e plantar ali fileiras de árvores frondosas. No coração desse formigueiro barulhento, morávamos em um pequeno apartamento de dois cômodos cedido pela Companhia, contíguo aos seus prédios. Vivemos ali por mais de vinte anos e as obras nunca pararam, como se Karamay nunca parasse de se expandir sobre os solos cheios de ouro negro.

A vida era modesta em Karamay. No inverno, a gente morria de frio. A temperatura beirava perigosamente os –30 °C no mês de janeiro. Um vento forte corria pelas ruas e vinha castigar o rosto. Na primavera, mal podíamos respirar. Nas noites de maio, um calor espesso brotava do concreto das calçadas no-

vas queimadas pelo Sol. Enquanto as famílias voltavam para o frescor dos apartamentos para jantar, passeávamos por esse clima tórrido na bicicleta de Kerim. Ele na frente, eu na garupa, abraçando a cintura dele. Tudo era possível naquele lugar. A cidade nova se assemelhava à nossa vida juntos. O futuro, sem nuvens, desenrolava-se sob nossos pés como uma das avenidas empoeiradas de Karamay. Nós nos casamos na privacidade do nosso apartamento, com um punhado de amigos e um imã para celebrar a união. Então as meninas nasceram e o futuro, realmente, parecia mais brilhante do que nunca.

Nossa renda nos permitia apenas viver cada mês, mas precisávamos de poucas coisas. A época oferecia prazeres simples. Nossos amigos, alguns de Ürümqi, como nós, e outros que conhecemos na Companhia, também tinham um estilo de vida modesto. Todos nós trabalhávamos muito. As semanas se sucediam e se assemelhavam na Companhia. Então, para enganar o trabalho, havíamos iniciado uma tradição: a cada início de ano, fazíamos um sorteio. Um de nós escrevia os nomes de todos em pequenos papéis antes de mergulhá-los em uma grande tigela. Dessa forma, a cada pessoa era atribuído um passeio mensal que ela teria que organizar para o grupo no ano que começava. Um restaurante, uma sauna ou uma noite na casa de um ou outro… Esses eram os nossos respiros de ar fresco. Karamay se desenvolvia, as ofertas de entretenimento se multiplicavam. Tivemos apenas bons momentos, à mesa em torno de espetos de carne grelhada ou rindo entre mulheres, deitadas no vapor do hammam! Se, em algum ano, um de nós ficava sem dinheiro, nos juntávamos para ajudar. Todos nós havíamos deixado a cidade natal para trabalhar naquela nova cidade perdida no meio do deserto. Por estarmos longe de nossas famílias, criamos uma ali. Nilopar, Ali, Muhammad, Dilnur, Aynur… Fico pensando no que terá acontecido com eles. Do grupo, ninguém deixou

Karamay. De acordo com as últimas notícias, alguns ainda trabalhavam na Companhia, outros eram professores na escola ou na universidade. Hoje, os contatos são cada vez mais raros, como se nossos amigos tivessem medo de que suas confidências fossem espionadas. Sinto falta deles. Nenhum uigur em Xinjiang escapa aos olhos do Big Brother chinês. Não gostaria que meus problemas os colocassem em apuros por lá.

Acredito que Kerim sempre soube que era preciso ir embora de Xinjiang. A ideia brotou na cabeça dele muito antes de sermos contratados pela Companhia. Isso remonta aos anos em Ürümqi, quando, recém-formados, ambos procuravam emprego. Foi em 1988. A gente vasculhava os anúncios nos jornais. Em muitos deles, havia uma cláusula em letras miúdas: "Nada de uigures". Ele nunca se esqueceu disso. O vento de discriminações que se erguia nos perseguiu até Karamay. Ele soprava cada vez mais forte, mas, na época, todos preferiram fechar os olhos. Exceto Kerim. Kerim não engolia aquilo. Enquanto eu me recusava a dar atenção a detalhes estranhos, ele ficava obcecado com aquilo.

Na Companhia, houve primeiro o episódio dos *hong bao*.[9] São pequenos envelopes vermelhos que enchemos com dinheiro na época do Ano-Novo chinês, para dar de presente a pessoas próximas a nós. De acordo com a tradição, o empregador também distribui esses presentes aos funcionários. Na Companhia, o patrão nunca deixou de fazê-lo. Mas naquele ano, em seus envelopes, os funcionários hans receberam mais dinheiro do que os funcionários uigures. Nas famílias uigures, não demos muita atenção ao episódio. Afinal, talvez fossem apenas rumores. No entanto, pouco tempo depois, todos os funcionários uigures

9 Na China, os *hong baos* são distribuídos na esfera privada e profissional em casamentos, aniversários, nascimentos ou, como neste caso, no Ano-Novo chinês.

foram realocados para a periferia da cidade. Alguns de nós resolveram se manifestar. Eu não tive coragem. Arrumei minhas coisas em uma caixa e um han instalou-se em meu escritório na sede da Companhia. Alguns meses depois, Kerim candidatou-se internamente a um cargo de gestão. Ele tinha todas as qualidades e o tempo de casa exigidos. Não havia razão para ele não ser selecionado. No entanto, a posição foi atribuída a outra pessoa. E adivinha quem? Um funcionário han que nem sequer tinha diploma de engenheiro! As coincidências se multiplicavam, nossas filhas cresciam. Kerim ficava tenso.

Eu, embora envolta em uma negação confortável, via nossas perspectivas de futuro ali desaparecerem. As decepções na Companhia de Petróleo desgastaram Kerim lentamente. Em 2002, ele saiu de Xinjiang para procurar trabalho no exterior. Primeiro no Cazaquistão, de onde voltou um pouco cético depois de um ano. Em seguida, na Noruega. Depois, na França, onde pediu asilo. Ele se estabeleceu lá e nós, as meninas e eu, nos juntaríamos a ele quando recebesse o status de refugiado e depois encontrasse um emprego. Entre nossos amigos, todos diziam que era uma loucura recomeçar do zero assim. Especialmente porque, aparentemente, a vida sorria para nós aqui. Com o passar dos anos, Kerim e eu havíamos conseguido melhores salários. Morávamos em um apartamento espaçoso no centro, cedido pela Companhia quando Gulhumar nasceu. As meninas recebiam uma educação promissora em escolas uigures. Tínhamos um belo carro. Em suma, agora fazíamos parte de uma certa elite e eu concordava com eles. Além disso, eu nunca tinha viajado para além de minha própria província. A ideia de cair de paraquedas em outro lugar do mundo vasto e infinito me aterrorizava.

A partir de quantas humilhações, desigualdades, injustiças devemos bater na mesa e dizer: "Basta!"? Na China, há um

ditado que diz que tudo pode acontecer com você a qualquer momento.

Em Xinjiang, postos de controle, batidas policiais, interrogatórios, intimidações, ameaças são tão frequentes que quase não prestamos mais atenção. É assim que evoluímos em suspenso, em um estado de semiliberdade que pode ser confiscado a qualquer momento. Ser convidado para tomar chá na delegacia do bairro faz parte do dia a dia. Contamos à polícia sobre nosso dia, damos os nomes de nossos amigos e conhecidos, falamos sobre nosso trabalho. Este é o preço de uma tranquilidade relativa.

Quanto mais absoluta é a vigilância, mais ela se torna um parâmetro comum da vida. Entre os uigures, todos conhecem um irmão, um amigo, um primo, um sobrinho que teve problemas com a polícia ou que desapareceu por alguns meses. Sim, tudo pode acontecer. Com qualquer um. Todo cidadão é um dissidente em potencial. E em cada família uigur dormem séculos de insubordinação cultural, o que nos torna dissidentes desde o nascimento.

Esse conflito começou muito antes da anexação dos comunistas. Então, por que se revoltar com algumas discriminações adicionais?

Os franceses têm dificuldade em entender isso. Minha filha Gulhumar usa um bom exemplo para ilustrar o que estou dizendo: a França é composta por uma infinidade de cidades, vilarejos e lugarejos cheios de moradias, comércios e bares que estão cheios de seres humanos. Os homens estão em toda parte. Em Xinjiang, quatrocentos quilômetros de terra nua separam as duas cidades grandes do Norte, Ürümqi e Karamay. Fora dessas metrópoles, construídas em torno de oásis e campos de petróleo, a solidão e o silêncio se estendem a perder de vista. A aridez sufoca qualquer vida humana. Apenas as fileiras

costuradas de picos montanhosos rompem a linha do horizonte desértico. Para os serviços secretos locais, nada é mais simples do que organizar o desaparecimento de um dissidente e depois enterrar o corpo dele no meio do nada. Ser uigur na China também significa viver com essa consciência no estômago: a possibilidade de desaparecer a qualquer momento no grande deserto de Taklamakan.

É também por isso que sempre mantive distância dos assuntos políticos. Quando criança, em Ghulja, cresci sem ouvir meus pais reclamarem ou recriminarem o governo. Trabalhavam como operários na destilaria próxima, asseguravam-se de que nada nos faltasse, aos oito filhos, apesar de seus parcos salários. Acredito que estavam mais preocupados com a nossa sobrevivência do que com a discriminação que já visava os uigures. Éramos uma família modesta e morávamos longe das grandes cidades, onde as etnias se misturavam.

Ao crescer, tornei-me uma jovem tímida e estudiosa. Na Universidade de Ürümqi, me mantive voluntariamente distante das questões políticas que pontuavam as discussões. Eu não tinha domínio do assunto e toda aquela raiva militante me assustava. No entanto, o ar da capital estava repleto desse assunto. Foi quando conheci Kerim que um mundo se abriu para mim. Kerim era só política. Era capaz de falar sobre isso por horas. Seus olhos se iluminavam quando uma discussão se transformava em um debate. Ao nosso redor, estudantes vindos dos quatro cantos do país agregavam vários pensamentos novos. A cortina de chumbo da Revolução Cultural estava desmoronando por todos os lados. Ainda nem se falava dos eventos de 1989, em Pequim, quando centenas de milhares de estudantes ocuparam a Praça Tiananmen por semanas para exigir do governo reformas democráticas, mas nosso movimento estudantil era semelhante.

Por amor, e talvez um pouco por curiosidade, fui com ele, em dezembro de 1985, às manifestações em Ürümqi. Exigíamos mais igualdade social para as etnias minoritárias, a abolição da política do filho único, bem como a concessão pelo Partido Comunista de uma gestão mais autônoma para nossa província. O movimento, como todos os outros, foi cortado pela raiz, felizmente sem derramamento de sangue. A polícia assumiu a tarefa de silenciar os líderes e nós, as massas, voltamos aos bancos da universidade sem ter conseguido um ganho de causa. No entanto, o fogo que já queimava em Kerim nunca se apagou.

Em uma noite do ano 2000, ele voltou para casa sem dizer uma palavra. Com a decepção pela rejeição ao cargo amadurecida, ele tomou uma decisão. Olhei para ele e encontrei o mesmo lampejo de rebeldia que brilhava em seus olhos no passado. "Pedi demissão", ele me disse, colocando uma caixa carimbada com o logotipo da Companhia na sala de estar. Minha cabeça fervilhava. Então, ele acrescentou: "Não aguento mais". No fundo, eu sabia que ele tinha razão.

Naquela noite, enquanto nossa filha Gulhumar abraçava os últimos convidados do casamento, pensei novamente: Kerim tinha razão. Mais do que nunca. A França nos devolveu nossa liberdade. Ao mesmo tempo, em Xinjiang, uma nova onda de terror se abatia sobre os uigures, com uma violência sem precedentes.

Aquele mês quente de agosto, sinônimo de tanta alegria para nós, anunciou a chegada de um novo ator crucial no impasse que opõe nossa etnia ao Partido Comunista: Chen Quanguo, líder do Tibete de 2011 a 2016, conhecido por ter introduzido métodos drásticos de vigilância, acabava de ser nomeado chefe da província. Com ele, a repressão aos uigures assumiu proporções dramáticas. Milhares deles foram enviados para "escolas", construídas às pressas no meio do deserto. Na verdade, eram

campos de reeducação. Os presos sofriam lavagem cerebral. E ainda pior. Apenas alguns, destruídos, saíam de lá.

Mas, naquele momento, enquanto a pista de dança ainda estava encharcada por uma suave luz alaranjada, os últimos amigos colocavam seus xales de volta em seus ombros dourados e os motores dos carros roncavam no pátio adjacente, os horrores dos quais Xinjiang estava se tornando palco ainda eram desconhecidos para mim. Estava longe de pensar que, alguns meses depois, estaria imersa no turbilhão dessa história. Havia apenas Gulhumar, seu vestido branco e um fundo de felicidade que forrava meu coração.